

A NECESSIDADE DE ESPERANÇA MILITANTE: COMPARAÇÃO ENTRE BLOCH E FREIRE

ELISABETTA VENEZIA ¹

RESUMO

Este artigo nasce do reconhecimento de numerosas afinidades entre o pensamento dos dois autores que parecem tão distantes geograficamente e culturalmente como próximos e cúmplices em seus pensamentos. Ernst Bloch (filósofo, Ludwigshafen, 1885 - Tübingen, 1977) com a sua própria perspectiva filosófica estabelece as bases de uma nova prática educativa que parece ser fielmente experimentada, mais além, noutros lugares, por Paulo Freire (pedagogo, Recife, 1921 - São Paulo, 1997). Paulo Freire é o promotor e educador do seu próprio projeto ético-político. Com a sua Campanha Nacional de Alfabetização permite aos trabalhadores rurais a possibilidade de se alfabetizarem pouco a pouco e, assim, de ganharem uma consciência política: os trabalhadores finalmente se tornam sujeitos ativos da história. Bloch, enquanto pensador da práxis inscreve o pensamento da prática transformadora no próprio mundo, o qual é um verdadeiro laboratório de experiências emancipatórias: Freire com o seu trabalho educativo fielmente implementa tal pensamento.

Por essa razão, Bloch é o pensador da ação, enquanto Freire é o homem da ação. As palavras-chave que giram em torno de seu pensamento são duas: esperança militante e utopia concreta. Para os dois pensadores a esperança militante não é um otimismo abstrato e ingênuo, mas está profundamente enraizada na natureza humana, pois Freire a considera uma verdadeira “necessidade ontológica”.

O conceito de utopia real é o nervo pulsante, visto que a esperança militante e a busca de formas emancipatórias do homem são realmente possíveis apenas se a utopia é

1. Possui graduação em Filosofia pela Universidade de Palermo, Itália; mestrado em Ciências Filosóficas e históricas pela Universidade de Palermo (Sicília), com 110/110 e honras com uma tese sobre “A legitimidade da esperança militante para Ernst Bloch e Paulo Freire”. Atualmente é professora de escola primária.

concreta, ou seja, se é concretamente realizável no mundo e mediante o mundo, o eu-topos, literalmente o lugar feliz da realização do conteúdo de esperança. Este artigo é para mim, não um ponto de chegada, mas um ponto de partida para a investigação: ele detecta uma curvatura pedagógica freiriana no pensamento de Bloch, que pode levar a um maior conhecimento da obra de Freire no âmbito acadêmico ocidental e também reconhecer a eficácia do método Freire, que pode levar a experimentar a sua aplicabilidade em vários países subdesenvolvidos.

PALAVRAS-CHAVE

Esperança militante. Utopia concreta.

ABSTRACT

This article takes the shape of the discovery of similarities between two authors that seem to be so far geographically and culturally as close for the thought. Ernst Bloch (philosopher, Ludwigshafen, 1885 - Tübingen, 1977) with his own philosophical perspective lays down the base of a new educational practice that seems to be faithfully experienced elsewhere by Paulo Freire (pedagogue, Recife, 1921 - São Paulo, 1997) who is the promoter and activist of his political-ethical project. Freire's National Literacy Campaign permits slowly rural workers to become literate and hence gain a political consciousness: the workers finally are active subjects of history. Bloch inasmuch thinker of praxis inscribes the thought of a transforming praxis into the world, which is a real laboratory of emancipatory experiments: Freire with his educational work faithfully implements such thought. On the ground of these reasons, Bloch is the thinker of the action, while Freire is the man of action himself. The keywords involved are: militant hope and concrete utopia. For the two thinkers, militant hope is not an abstract and naive optimism, but is deeply rooted in human nature, in particular for Freire is a real "humankind's ontological necessity". The concrete utopia's concept is the crux, since the militant hope and the research for a human's emancipatory way are actually possible only if the utopia is concrete, that means that is achievable in the world and through the world. Indeed the eu-topos etymologically means "the happy place of hope content's realization".

For the purpose of my research this article is a starting point, that consists in the detection of a pedagogical freirean tendency in the Bloch's thought, on the way of a greater knowledge of the Freire's work in the occidental academic environment, where seems to be still not so well known. The research's outcome may lead to recognize the effectiveness of Freire's method and furthermore to experiment it in various underdeveloped countries.

KEYWORDS

Militant hope. Concrete utopia.

1. INTRODUÇÃO

Este artigo provém de um trabalho de pesquisa, no qual afluíram semelhanças de pensamento entre dois autores: Ernst Bloch e Paulo Freire. Este último, pedagogo ativo e pensador de esperança, através de suas práticas educativas dá origem a uma série de experiências de transformação social radical, dando concretização e materialidade a um projeto escatológico, que Bloch é apenas o idealizador. Ernst Bloch, mesmo definindo-se um pensador da práxis, com o seu melhor trabalho “Das Prinzip Hoffnung” cria as bases para um projeto ético que pode ter concreta atuação somente no campo pedagógico, com práticas educativas visando à emancipação social.

Após tal análise, surgiram de maneira muito evidente semelhanças entre o projeto ético-pedagógico de Paulo Freire e o pensamento do filósofo ocidental Ernst Bloch, tão distante geograficamente quanto próximo e semelhante à sua perspectiva filosófica. O objetivo que desejo alcançar, portanto, é de trazer à luz tais evidências, também no mundo acadêmico ocidental, para prestigiar um pedagogo como Paulo Freire que com a sua prática educativa tem contribuído na luta para combater as lógicas capitalistas perversas dos países subdesenvolvidos.

Por isso, no mundo filosófico ocidental, a figura de Paulo Freire é hoje pouco conhecida. Na Itália ainda são poucos os estudiosos que têm feito pesquisas sobre a prática educativa freiriana e estes pesquisadores costumam colocá-lo ao lado de outros pedagogos-testemunhas como Don Lorenzo Milani, Danilo Dolci e Aldo Capitini.

Minha tentativa de associar a perspectiva filosófica de Freire e Bloch colocou em realce algumas conclusões interessantes que podem ajudar a tornar mais conhecido o pensamento e o trabalho do pedagogo brasileiro no âmbito acadêmico ocidental. Atualmente estas conclusões não são novas para os estudiosos latino-americanos, na verdade, o meu trabalho começa com alguns estudos realizados nas últimas décadas por pesquisadores norte-americanos e latino-americanos que, contudo, ainda hoje não são objeto de aprofundamento para estudiosos italianos e, por essa razão, pode representar uma forma de divulgação e estímulo à pesquisa. Pensar sobre a relação entre homens que viveram em contextos históricos e lugares assim diferentes significa, antes de tudo, romper barreiras culturais que se interpõem entre o pensamento filosófico ocidental e aquele, com recentes raízes histórico-filosóficas, da América Latina. Isto constitui um ponto de partida para a pesquisa, com um pensamento de resistência que pode assumir o mesmo padrão apesar da distância e de diferentes contextos históricos e geográficos dos quais deriva. O objetivo, que estabeleci a mim mesma neste trabalho, foi detectar o olhar sinóptico da filosofia moral e da pedagogia, antigamente considerada “*ancilla philosophiae*”, no que se refere à libertação das classes subalternas mediante concretas possibilidades utópicas que encontram vigor e entusiasmo na esperança militante do homem. No final desta análise vamos ver, ao invés, a necessária curvatura pedagógica de um pensamento filosófico da práxis que nos leva a crer que a filosofia, “*Ancilla*

pedagógica”, seja uma ciência para o serviço da prática ético-educativa.

Esta reflexão sobre as semelhanças entre os dois pensadores começa, como veremos, também a partir de suas semelhanças biográficas. Portanto, a análise começa pelos eventos biográficos de Ernst Bloch, nos quais amadureceram seus pensamentos de esperança.

2. ERNST BLOCH: A VIDA , OBRA E CORRENTE DE PENSAMENTO

Considero que para compreender o gênese de uma linha de pensamento de esperança concreta e militante, seja oportuno apresentar a história pessoal do seu autor, ou seja, a concatenação dos eventos históricos que deram vida a tal linha de pensamento. Sendo assim, antes de preparar a apresentação da linha do pensamento blochiano e mostrar as suas principais matrizes teóricas, examinamos a história da filosofia paralelamente ao desenvolvimento da sua linha de pensamento e apresentamos os principais acontecimentos históricos por ele vividos.

Bloch nasce no dia 8 de Julho de 1885 em Ludwigshafen de Rhein na Alemanha. Filho de uma família de origem judaica, vive intensamente o drama dos judeus alemães no século XX. Graças à sua formação e fé humanista e socialista, durante a primeira guerra mundial, Bloch recusa-se a combater, e por tal razão vai ao exílio na Suíça. Casa-se pela primeira vez com Else von Stritsky, que morre pouco depois, em 1921. Depois da afirmação da República de Weimer e do Nazismo na Alemanha em 1933, Bloch inicia um longo período de exílio- de Zurique a Viena, Praga e Paris- até que, em 1938, se estabelece nos Estados Unidos com a sua terceira mulher, Karola Bloch. Depois da Segunda Guerra Mundial, em 1949, Bloch pode escolher uma cátedra na Universidade Goethe de Francoforte, na Alemanha Ocidental, ou na Universidade de Karl Marx, em Leipzig na Alemanha Oriental. Alinhada com os seus ideais socialistas, ele opta por esta última, mas as suas ideias são consideradas demasiadamente liberais, “heterodoxas” e revisionistas para a ortodoxia marxista. Não tardou muito que o dispensaram do cargo de docência.

Em seguida, quando exprimiu sua solidariedade ao povo húngaro após a repressão da revolta de 1956, começaram fortes desacordos com o partido da DDR e o filósofo perde a confiança. Desta forma, depois de 1961, conseguindo uma permissão para visitar os amigos da Alemanha Oeste, a família Bloch não retorna a Leipzig. Inicia-se assim um período de permanência em Tubinga, que durará até à sua morte, que ocorreu no dia 4 de agosto de 1977.

As suas obras chamaram a atenção de variadas correntes de pensamento, desde os liberais, marxistas até os protestantes e católicos. A razão deste interesse reside no fato de que o filósofo, atravessando um período conturbado, por um lado reivindica cada justiça na esperança da sua real realização, e por outro, mediante uma crítica revolucionária da Bíblia, produz uma reinterpretação em base profundamente escatológica da figura de Jesus, relevando a aspiração humana não coativa à liberdade e ao senso profundo da promessa religiosa na vida contemporânea.

O seu pensamento, efetivamente, matura e muda juntamente com os eventos que marcaram o caminho da sua vida. O messianismo, o qual adere com convicção nos anos 10 e 20, brota de uma série de eventos nefastos que se apresentam naqueles anos: desde a Grande Guerra ao reconhecimento da derrota proletária na Europa do pós-guerra, desde a inicial vitória da revolução russa até ao reconhecimento da sua involução. A forte emigração da Alemanha, devido - em concordância com Bloch - à peste nazifascista, provoca a peregrinação de Bloch em diversos Estados até a perda da mulher amada Else von Stritzky.

Sem dúvida, que tais eventos biográficos traçaram o caminho da sua linha de pensamento com sinais evidentes internos às suas obras. Como já foi dito, para compreender plenamente as causas da emergência de um pensamento tão vital da esperança militante, é necessário primeiro examinar o plano histórico dos eventos: Bloch tem um olhar utópico sobre o pessimista cenário histórico e político provocado pelas grandes potências mundiais no período entre as duas guerras e também sobre as nefastas consequências do perverso uso capitalista da técnica. Ele é assim um utopista que observa a realidade com desencanto e faz um atento diagnóstico dos seus problemas para tentar entender as causas.

No entanto, a data da morte da amada esposa e o clima profundo da Europa do pós guerra marcam um limite entre o primeiro e o segundo século de Bloch. No final dos anos 20 ele adere a uma linha de pensamento de imanência, ou seja, uma perspectiva materialística cujas matrizes filosóficas são também reconduzíveis à esquerda aristotélica, linha de pensamento que valoriza a matéria. O mundo dá moldura insubstancial e fundo às inúmeras interconexões entre as diversas almas, únicas protagonistas da pesquisa do último senso que vem sendo sucessivamente considerado - como veremos depois na sua obra final *Experimentum mundi* - como um verdadeiro laboratório de experiências intersubjetivas.

Assim, Bloch, materialista e pensador da práxis, é aquele que mais se aproxima de Paulo Freire enquanto operador de fronteira, ou seja, não só teórico da educação, mas educador, ele mesmo em primeira linha. Portanto, a perspectiva filosófica que junta os dois pensadores e lhes leva a pensar o mundo como "eu-topos", lugar feliz, no qual é possível realizar o conteúdo da esperança mediante projetos ético-pedagógicos mirados em libertar as massas da sua condição de opressão. No "*Experimentum mundi*" há a práxis revolucionária, a capacidade de revelar aquilo em que podemos realmente nos tornar se nunca mais pararmos de lutar para melhorar a nós mesmos. O momento de tomar consciência subjetiva, a vontade de renovação e a conversão radical do indivíduo são indispensáveis e consequenciais à capacidade humana de reproduzir um *novum*, e de nascer de novo, e percorrer o caminho da própria vida de um modo ereto, ou seja, digno.

O convite Blochiano a caminhar ereto tem um significado específico, político, de oposição ao Estalinismo e à ditadura burocrática do partido. A possibilidade de tornar à fonte autêntica da liberação humana representa, para Bloch, um

empenho que se concretiza na ação política e na escolha, também política, dos indivíduos pertencerem a um partido e não a outro. Também Paulo Freire com a sua missão educativa fez claramente uma escolha de partido. Optou pelos humildes e oprimidos, pelas massas subalternas que precisam tomar consciência da sua própria condição de opressão.

Dar ênfase à profunda afinidade entre os dois pensadores, afinidade que se mostra também a nível biográfico, me é útil para entender quais são as razões que fazem emergir um pensamento de esperança e uma crítica da realidade. Ambos foram considerados subversivos e reacionários. Um, Ernst Bloch, pelo regime nazista e o outro, Paulo Freire, pela ditadura militar, foram obrigados a se exilar e a parar temporariamente o próprio projeto de trabalho, para depois continuar com mais força e vigor, construindo não só um pensamento de crítica, mas também um pensamento de esperança voltado para a construção de uma realidade alternativa àquela pré-existente. Apesar da diversidade dos contextos histórico-culturais que deram origem a um pensamento de esperança e ação, ambos foram levados para a mesma direção: apenas a esperança e a luta pela dialética ultrapassagem de todas as contradições do real podem concretamente levar o homem ao momento final da libertação e da salvação. Sem dúvida, ambos entendem como “salvação” também a luta contra as perversidades capitalistas que conduzem o homem à alienação.

Paradigma da utopia concreta e legitimidade da esperança militante.

As palavras-chaves que giram em torno da linha de pensamento de ambos os autores são duas: utopia concreta e esperança militante. Para os dois pensadores a esperança militante não é um otimismo abstrato e ingénuo, mas sim fortemente radicada na natureza do homem, por isso Freire define uma verdadeira “necessidade ontológica do homem” que tenta realizar o conteúdo da sua aspiração. Para Bloch, na realidade, o homem por natureza tende a se elevar verticalmente em direção ao bem e se opõe, com o seu “não” incoercível, à estranheza, à injustiça

e à opressão. O conceito de utopia concreta para ambos os pensadores é o verso pulsante das suas argumentações, visto que a esperança militante e a pesquisa das vias emancipadoras do homem são possíveis só se a utopia é uma utopia concreta, ou seja concretamente realizável no mundo e mediante o mundo. Este último é o laboratório onde acontecem as experiências guiadas pelo homem e através das quais ele pesquisa as suas vias de emancipação.

A profunda afinidade do pensamento e da hipótese de Bloch exercitada indiretamente em Freire foi objeto de estudo de muitos outros estudiosos. A tal propósito, Henry Giroux encaminhou um conhecido estudo que merece de ser aqui examinado.

Henry Giroux ², considerado nos Estados Unidos um dos mais brilhantes pensadores da Critical Pedagogy, ou seja, da corrente filosófica da educação cujas referências teóricas perpassam a teoria crítica marxista da Escola de Frankfurt e a linha de pensamento de Paulo Freire, tem como principal objetivo o desenvolvimento de uma consciência crítica nos educandos, relativa às condições sociais de opressão. Esta corrente de pensamento colhe as suas influências nos estudos de Giroux sobre o pensamento Freireano, e a partir de então se desenvolve e se alarga a todos os pensadores praxis-oriented, que fazem emergir uma consciência da vontade e da liberdade, permitindo assim, o reconhecimento das lógicas perversas que consideram como tendências autoritárias. As primeiras obras, no início dos anos oitenta, são fortemente influenciadas pelas teorias de Horkheimer, Adorno e Marcuse, pelo pensamento de Antonio Gramsci e pela pedagogia de Paulo Freire, assim como pelo conceito de utopia, entendido como o “ainda não consciente” de Ernst Bloch. A partir deste fundo teórico, o autor tentou elaborar uma proposta educativa, que superando a perspectiva de uma mera crítica às instituições e às práticas existentes, fosse também capaz de fornecer propostas capazes de modificar e transformar a própria sociedade.

Giroux, realmente, recusa o pessimismo implícito em muitas teorias marxistas de tipo economista, para colocar no centro das suas colaborações pedagógicas a relação entre poder, resistência e ação humana, subentendidos como elementos essenciais para uma aprendizagem e um pensamento crítico que possam ser utilizados não só nas escolas, mas também em outras esferas sociais mais diretamente comprometidas com a luta em favor da realização de uma maior justiça social. O conteúdo do seu pensamento é indicador, não apenas da influência exercitada por Bloch e Freire internamente ao seu paradigma teórico, mas também do conhecimento que Giroux, sem dúvida, tinha das obras de pensamento freireano

2. Henry A. Giroux nasceu em Providence, Rhode Island, USA, em 1943, numa família de imigrantes franco-canadianos de operadores de extração. Depois de ter tentado uma carreira como jogador de basquete num pequeno college do Maine, ele obteve a habilitação como professor de estudos sociais e ensinou de 1968 a 1975 numa escola secundária de Barrington, Rhode Island. Em 1977, conseguiu um Doutorado na Universidade de Carnegie-Mellon na Pensilvânia e obteve o primeiro encargo como docente da Universidade de Boston, onde ficou até 1983. Em seguida, trabalhou na Miami University di Oxford, Ohio, a Penn State University e a McMaster University de Hamilton, Ontario, Canada, (Global Television Network Chair in English and Cultural Studies). Durante a sua longa carreira académica, Giroux escreveu mais de 50 livros, cerca de 300 artigos, mais de 150 contributos e participou frequentemente a debates públicos. O seu trabalho, premiado de um empenho constante em favor de uma ordem social mais democrática e inclusivo, foi utilizado pelo ensinamento nos mais variados campos, desde da antropologia cultural, à sociologia, à teoria política, à literatura, aos media studies. Em 2002, Giroux foi inserido no elenco dos primeiros cinquenta teóricos da educação do período moderno no Fifty Modern Thinkers on Education: from Piaget to the Present delle «Key Guides Publication Series» de Routledge, a testemunha de uma vasta influência da sua obra no debate contemporâneo sobre a educação pública nos Estados Unidos.

e blochiano. Dentro da obra *Not Yet: reconsidering Ernst Bloch*, Henry Giroux juntamente com Peter McLaren mostram a “leitura blochiana” que fazem do pensamento de Paulo Freire, revelando um débito implícito e explícito ao conceito de utopia de Ernst Bloch.

Segundo a opinião de Giroux, o desenvolvimento do conceito freiriano e blochiano de “esperança revolucionária” oferecem importantes ideias provocadoras para a manutenção em vida, de uma atividade política, numa época na qual há uma restrição do campo de possibilidades emancipadoras. Na realidade, como oportunamente revela Giroux, Freire consegue desenvolver ao mesmo tempo seja a linguagem da crítica, seja a linguagem da esperança, que trabalham junta e dialeticamente para a constituição de uma realidade alternativa. É a linguagem freiriana da esperança - que Giroux chama de linguagem da possibilidade - que se utiliza como argumento de discussão na comparação das obras freirianas com o pensamento blochiano. Os seres humanos distinguem-se dos animais pelo fato de terem um projeto político que os guia, que orienta as suas ações e que faz com que suas vidas sejam inteligíveis; por isso, cada ser humano deve poder intervir na sua própria construção social e histórica.

É Ambas, a praxis utópica de Bloch e a consciência crítica de Freire começam com a consciência do sujeito da sua própria temporalidade. A sensibilização das “situações limite” que confrontam e encorajam os que aprendem em se tornarem sujeitos, em vez de objetos do projeto histórico. (DANIEL AND MOYLAN, 1997, p. 148, tradução do autor)

Os autores continuam revelando oportunamente os traços essenciais dos nossos pensadores, que são declaradamente dialéticos.

Para Bloch, a realidade ou o “ser” não são estáticos ou fixos, mas sim uma potencialidade dinâmica que envolve um processo contínuo de desenvolvimento. Esta noção se parece com o projeto ontológico de Freire em se tornar completamente humano através da dialética da ação e reflexão, o que possibilita a sensibilização da nossa temporalidade para nos fazer, ambos, históricos e agentes culturais. Este processo ocorre quando percebemos que a nossa subjetividade é o resultado da ação humana no passado e da mudança da realidade humana no futuro trazidas para as nossas ações no presente (Ibidem)

O processo dialético é inscrito na real ligação entre ambos os autores, o conceito de crítica e o de esperança. Como já amplamente afirmado pelos dois autores, a posição utópica para com o mundo, comum a Bloch e a Freire, está longe de mostrar-se como um ingênuo e um abstrato idealismo. São dialeticamente inscritos na realidade, ou seja, no mar de possibilidades de realizações utópicas. A esperança, nitidamente distinta de um ingênuo furor abstrato, surge sempre a partir da crítica de uma situação limite do real. O caráter recíproca e dialeticamente constituído entre o criticismo e a utopia, constitui um outro ponto de encontro entre dois pensadores porque “outro aspeto fundamental comum entre Bloch e

Freire é a ênfase na relação entre a crítica e a esperança.” (IVI, p. 149, traduzido pelo autor).

Os estudiosos, no entanto, notam que entre os dois, Freire concretizou majoritariamente o tal projeto partilhado:

Freire, em particular, encaminhou o tema mais concretamente do que o fez Bloch, particularmente através do trabalho de Freire em programas de alfabetização pelo mundo. A pedagogia de Freire substitui a ontologia-epistemologia ou o binário de teoria-prática, visto que o trabalho dele articula ambas, teoria e prática, mutuamente constituídas, e aspetos animados no processo de se tornar humano mais completamente. A sua abordagem em “se formar” como um ato de conhecimento encoraja a ambas - ação e reflexão - na criação dos agentes críticos/históricos. As identidades dos agentes históricos são construídas no ato da aprendizagem e da solidariedade com outros. Tais identidades são sempre provisionais e as alianças formadas serão contingentes nas estratégias, negociações e traduções que ocorrem no ato de lutar para a construção comum de alianças (em vez de uma cultura comum) e de uma política transformadora radical. (IVI, p. 155).

Procurar o sentido da vida e procurar a vida no sentido é a principal atividade inscrita na utopia e, além disso, representa sem dúvida o seu objetivo essencial. O princípio teórico-prático, no qual se baseia a utopia blochiana e freiriana, dá lugar a uma série de mudanças radicais, concretamente esperadas na realidade:

Como fez anteriormente Bloch, Freire articula o “real-possível” nas condições necessárias da luta diária, não simplesmente como uma força negativa que desafia os sistemas existentes de inatingibilidade e relações de poder, mas um projeto dehypossatizing que recusa a acomodação na confluência de ideologia e utopia. A visão utópica de Freire não fala para um set de impressões, táticas, ou estratégias para a liberdade humana, mas fica atento aos perigos ideológicos e políticos que seguem a prática de uma visão tão discursivamente desafiante. Freire, assim como Bloch, entende muito bem que a pedagogia da libertação não tem respostas finais: a práxis radical deve sempre emergir de uma luta contínua dentro de lugares pedagógicos específicos e entre os quadros teóricos que lhes competem. A verdade não tem um desfecho necessário ou uma justificação transcendental. Mesmo o Deus da História e os oprimidos não podem oferecer uma solução final, visto que a história é, para Freire “tornar-se” e, para além disso, “um evento humano. (IVI, p. 159)

O seu projeto utópico representa um verdadeiro discurso da resistência através do qual se forja a luta a fim de exercitar o direito humano à liberdade. Neste caso, a esperança se torna necessária e as lutas contra o poder dominante constituem a concreta esperança pela qual algo como “uma autêntica democracia” pode prevalecer:

O projeto de Freire pode ser entendido como uma extensão do pós-modernismo

da resistência, um concreto projeto fornece um novo modelo de luta pública que tem início a partir do reconhecimento das classes sociais marginais. O fascínio exercitado por uma visão positivamente renovadora e regenerativa de uma sociedade historicamente dominada por lógicas perversas de poder que alimentam e mantêm vivos os exploradores e os explorados, os dominadores e os dominados - e também os opressores e os oprimidos - representa de outro modo uma aguda análise da história, sempre atual.

Na minha opinião, há uma outra autora que se coloca em comunhão com a ideia de alguns estudiosos da linha de pensamento de Bloch e Freire, ou seja, com a ideia de que a pedagogia pode e deve ser “*ancilla philosophiae*”. Caminham nesta direção as obras de Elisa Frauenfelder³, que no seu livro intitulado *O fascínio da utopia pedagógica* (FRAUENFELDER, 2005) analisa o conceito de utopia pedagógica: segundo a autora, as utopias de Tommaso Campanella e Tommaso Moro podem ser consideradas “utopias sociais” dignas de representar um projeto capaz de refletir uma exigência de renovação. A consciência de uma crise irreversível e a esperança de mudanças substanciais se tornam concretas testemunhas das necessidades do tempo. A utopia pode, assim, ser considerada como uma resposta às novas exigências profundamente proclamadas pelos pensadores de cada tempo. Esta resposta se apresenta em forma de utopia para transmitir mensagens educativas que poderiam ter sido - na sua intenção - capazes de renovar toda a sociedade. Poderia também ser a expressão de um projeto particular, que por ser aparentemente utópico, podia fazer passar mais facilmente uma proposta de conteúdos educativos revolucionários.

A utopia pedagógica, portanto, consiste no projeto educativo que visa, a longo prazo, a tomada de consciência da necessidade de uma mudança política e social e encontra no desenho utópico uma proposta construída com uma cadeia lógica e consequencial de eventos portadores da renovação social, que se baseia em linhas pedagógicas das relações sociais. (comparação com FRAUENFELDER, 2005, pp. 63-64).

3. PEDAGOGIA E ESPERANÇA: EM DIREÇÃO DE UMA APLICAÇÃO PEDAGÓGICA DO PENSAMENTO BLOCHIANO

A curva pedagógica de um pensamento de esperança e de uma filosofia de futuro, é inevitável; não casualmente, como já se viu, o projeto ético-pedagógico de Freire é fortemente inspirado no pensamento blochiano e parece ser o seu “braço direito”, a sua via de concreta realização. Portanto, a ideia de que a perspectiva blochiana se presta a eventuais interpretações pedagógicas foi também suportada

3. Atualmente docente de História da pedagogia na Universidade de Estudos de Nápoles “Federico II”; o seu campo de investigação é nas ciências bioeducativas, termo com o qual entende ter diversas abordagens interdisciplinares, mediante a pedagogia, as neurociências e o post-cognitívismo.

amplamente por outros estudiosos da América Latina. Num artigo intitulado *Esperança e pedagogia: breve apresentação de Ernst Bloch*, seu pensamento e algumas reflexões sobre a educação, os autores Isaias Batista de Lima, Eneas Arrais Neto e Hildemar Luiz Rech⁴ tentam revelar pontos significativos do pensamento blochiano e exercem notáveis repercussões diretamente no campo educativo.

A intenção é mesmo aquela de delinear as possíveis curvas pedagógicas do pensamento blochiano, o qual é analisado pelos autores tendo por base *Prinzip Hoffnung*. Além disso, os autores não hesitam em fazer notar que na América Latina o pensamento e as obras de Bloch não são muito conhecidas - as suas tradições são muito raras e o núcleo central da sua produção é debilmente presente nos debates acadêmicos, apesar do seu pensamento poder se ligar a uma "filosofia de futuro", próxima de muitas perspectivas teóricas de pensadores latino-americanos e que por tal razão é atualmente objeto de estudo e interesse no mundo acadêmico. Os autores do artigo sublinham os aspectos principais que conduzem diretamente a uma perspectiva ética de base pedagógica, como se afirmassem que o sonho a olhos abertos de Bloch constitui a base antropológica da utopia concreta: o sonho racional constitui um verdadeiro ato cognitivo que transforma a esperança numa paixão, mais do que ser abstrata e ingênua; esta é concretamente construída e inscrita no interior das possibilidades reais, se manifestando no mundo.

A imaginação utópica, inevitável tendência do homem em se elevar em direção a um futuro melhor, é a soma da incompletude do mundo e do próprio homem: o "não" ainda tenta se realizar e serve ao homem e à sua realização; este último é o instrumento que obstinadamente apresenta a possibilidade utópico-real, visto que nas suas expectativas, ou seja, na imaginação utópica, reside potencialmente a atuação da possibilidade ainda não expressa. A matéria do mundo é portanto o fértil broto desta possibilidade utópico-real e o movimento da matéria é constituído deste caminho antropológico e escatológico, no qual o homem é inscrito e se projeta para um futuro que sonha e que, por sua vez, tenta realizar. Desta projeção humana em direção a uma futura projeção real-concreta Bloch pode deduzir a "necessidade moral do projeto da utopia"

Por trás do discurso especulativo blochiano se apresenta uma original teoria do conhecimento em que "esperança" é o nome dado ao conhecimento do que ainda-não-é, a consciência que leva em conta as possibilidades reais-objetivas para o futuro da realidade presente; mas ainda por trás dessa gnosiologia, ou uma nova gnose, o que na verdade ocorre é uma filosofia da ação implícita na opção socialista. (DE LIMA, ARRAIS NETO, RECH, 2009, p. 14).

4. Os autores do artigo são docentes e investigadores na Universidade Federal do Ceará, estado do nordeste do Brasil; o campo de investigação deles é na Filosofia política, a sociologia e as ciências de educação.

A nova proposta ético-pedagógica subentendida no discurso de Bloch promove uma renovação real e concreta da realidade. A dimensão pedagógica é o canal da sua realização e o homem é porta-voz e também instrumento desta transformação.

A ética da solidariedade blochiana exige a superação das relações de exploração capitalistas e, portanto, pode bem ser posta como uma ética de transformação. É pela solidariedade com os explorados, humilhados e ofendidos que se constrói a nova ética. Portanto, é no contexto das relações entre teoria e prática que se apresenta, no texto blochiano, que o marxismo deve atingir não só as relações dos homens com a natureza, por um trabalho desalienado, mas as relações entre os homens, mediadas pelas que mantêm com a natureza. (Ibidem)

A base ontológica e epistemológica do pensamento de Bloch põe em relação o ser humano, a natureza e a matéria, ou seja, o mundo em que se fazem as experiências destas relações. O conhecimento, declaradamente não contemplativo, é entendido por Bloch como uma ação transformadora capaz de realizar o “ainda-não” dentro das possibilidades eminentes do real. A ação transformadora e o otimismo militante constituem o fundamento deste projeto, o qual tem um caráter ético-pedagógico:

[...] o sonho acordado do homem toma um caráter ético, tem o conteúdo de norma ética, é também a norma: essa está no fim último que orienta o sonho. Logo, a esperança funciona como princípio orientador da ação humana, porque tem fundamento no ser material do homem e do mundo. (DE LIMA, ARRAIS NETO, RECH, p. 15)

O processo escatológico proposto por Bloch é sem dúvida um projeto ético-pedagógico porque é a educação que assume tal dever, ou seja, aquele de orientar a coletiva ação transformadora em direção à conquista de um objetivo, que neste caso é constituído pela liberação e conseqüente emancipação do homem mediante a pesquisa de numerosos “varchi utópicos” presentes na realidade concreta. Na realidade:

O caráter ético, moral e utópico que aporta ao pensamento de Bloch remete para algumas reflexões acerca da educação e sua forma de ser. Precisamente por identificar a análise filosófica como devendo se reportar à existência humana aberta ao futuro, a educação abriga exatamente tal conteúdo em seu núcleo fundante, ou seja, formar as gerações presentes para a construção do futuro, certamente no dizer de Bloch, um futuro melhor, uma sociedade melhor, uma sociedade socialista. (Ibidem)

A reflexão proposta pelos autores conduz o projeto escatológico de Bloch ao plano da sua realização com um caráter ético-pedagógico. Refletindo sobre a

incompletude do homem e do mundo e, ao mesmo tempo, sobre a sua possibilidade de expressão futura, ele se compreende em um papel central revestido da educação. A educação constitui a chave de volta do caminho escatológico do homem; educar para a pesquisa incessante das possibilidades emancipadoras, educar para a luta contínua contra as injustiças sociais que colocam em prática a concreta possibilidade de que o caminho para a liberação do homem se realize no mundo:

Nesse sentido, a educação guarda um compromisso intangível com a luta pela superação das condições de vida atual que aliena, escraviza e impede ao homem o acesso às condições mínimas para a satisfação de suas carências, não no sentido do consumismo alienado da sociedade de consumo, mas no sentido propriamente humano, desalienado. Assim, não pode ser um compromisso por uma satisfação de carência de indivíduos isolados, segregados, mas no sentido universal, gregário, genérico, em que o homem pleno e autêntico esteja presente em sua eqüidade. (Ibidem)

A procura desta realização de necessidades, não é uma procura individual, mas sim uma procura coletiva que é ontologicamente aberta a novas possibilidades e dá lugar a um movimento substancial da realidade. Um caminho coletivo não pode ser um caminho pedagogicamente fundado e constituído. O binómio teoria-práxis, amplamente suportado e apoiado nesta argumentação, pode concretamente se refletir na sinóptica colaboração entre o caminho escatológico blochiano e um implante pedagógico que permita a sua realização e que, portanto, atualize as suas possibilidades:

Daí, a educação deve abrigar essa busca pela completude ontologicamente incompleta do homem. Desse modo, é impossível falar em educação, em termos blochianos, sem falar em ética, moral, utopia, desejos. A educação deve abrigar uma epistemologia e uma gnosologia capaz de compreender os fundamentos científicos do movimento da realidade, ao mesmo tempo em que deve desenvolver uma compreensão de mundo como algo em aberto, inacabado e o resgate do papel do homem como sujeito da busca dessa completude que nunca se esgota, mediado pela busca de uma vida melhor para o gênero em sua universalidade. (IVI, p. 17)

A conclusão a que chegam os autores e à qual também chego com o meu estudo, é a de afirmar uma possível transformação do mundo mediante a transformação do homem, e de olhar para o futuro com a esperança concreta e com o otimismo militante alimentado e suportado pelas práticas educativas, em particular das práticas educativas freirianas. Portanto, a meu ver, a estreita correlação entre um pensamento de esperança utópica e um projeto político-pedagógico que coloca em prática a possibilidade da sua própria realização, fornece acima de tudo uma visão fascinante e otimista da esperança militante e, ao mesmo tempo, oferece uma interpretação desta última, capaz de remover cada comportamento injustamente desconfiado em relação à capacidade de regeneração radical da sociedade.

4. BLOCH, GRAMSCI E FREIRE. PENSADORES DA PRÁXIS: ENTRE DENÚNCIA E LIBERAÇÃO

A abordagem do pensamento da práxis de Bloch, Gramsci e Freire é solidamente apoiada por alguns estudos levados a cabo por importantíssimos expoentes da pedagogia crítica como Henry Giroux e de outros sociólogos brasileiros como Maria Ceci Araujo Misoczsky, Joysl Moraes e Rafael Kruter Flores. Estes últimos, num artigo intitulado “Bloch, Gramsci e Freire: referências fundamentais para os atos da denúncia e do anúncio” promovem um confronto entre os três pensadores revelando as numerosas abordagens comuns e considerando os principais referenciais do pensamento da prática libertadora caracterizada pelos atos de denúncia, seguidos do anúncio das alternativas.

O fio vermelho que liga o pensamento dos três é constituído pelas seguintes palavras-chave: luta social, esperança e libertação. A realidade é concebida, seja material, seja intelectual. Para Freire a libertação do oprimido é também a libertação do opressor; para Gramsci os subalternos poderiam se tornar hegemônicos mediante a formulação de uma nova classe, internamente à escritura dos três pensadores, como um processo histórico de libertação do ser humano das condições de opressão intelectuais, empenhada em conservar os mais altos valores do ser humano. Enquanto para Bloch a libertação é eminente à existência humana e é inscrita ao interno do seu caminho de vida. Portanto a libertação é concebida pelos três como um contínuo processo em se tornar, o mesmo que sustem o poder hegemônico, que nunca é completo, fixo ou definitivo, assim como a realidade na qual tal processo é inscrito, a qual é também está sempre em processo de se tornar. Tal atividade teórica é orientada em direção a um princípio ético material que vê a vida como um único critério de verdade, pelo qual a intenção dos autores do artigo em questão é principalmente aquela de procurar um diálogo entre as interfaces entre os pensadores, de onde emerge uma reelaboração da tradição marxista: uma espécie de “reoriginalização cultural”, a partir da situação geopolítica latino-americana e, especificamente, brasileira.

Em Bloch, na publicação “Principio Speranza”, a utopia é subentendida como uma atividade humana orientada para o futuro, é um lugar da consciência e uma força motriz ativa orientada em direção àquilo que ainda não é. Segundo os autores (MISOCZKY, MORAES, KRUTER FLORES, 2009, P. 450) Bloch,

indica, logo a seguir, que o que importa é “aprender a esperar”; não esperar com resignação, mas efetuar um ato de esperar que é “apaixonado pelo êxito em lugar do fracasso”, um esperar que não é passivo, um esperar que “requer pessoas que se lancem ativamente naquilo que vai se tornando e do qual elas próprias fazem parte. (BLOCH, 2005 p. 13-4)

Como já vimos nos textos de Bloc, eu o lanço em direção ao novum, mas não é um simples entusiasmo imaginado abstraidamente, visto que colhe o novo como algo imediato na realidade existente que, para ser trazido à luz, exige uma potente vontade. O caminho ativa a tendência, pela sua natureza dialética, inscrita na história: “isto é, a esperança, ainda que seja um princípio subjetivo, é fundada

na práxis histórica, pois são as condições sociais que indicam o futuro, a partir da análise do presente e do passado.

Em Freire o discurso parece ser tratado em termos muito parecidos: ele também, quando fala de um novum, por ele chamado inédito-viável, ou seja “inédito-possível”, termo epistemologicamente voltado para exprimir com uma carga afetiva, cognitiva, política epistemológica, ética e ontológica os projetos e os atos da possibilidade humana. O inédito-possível sugere a possibilidade histórica dos seres humanos, negando o reino do acabado, definitivo e já escrito, visto que:

O inédito-viável é a utopia alcançada que faz brotar outros inéditos-viáveis. Freire (2005a, p. 104) explica o inédito-viável a partir da concepção de que os seres humanos não somente vivem, mas existem; existência que é histórica. O autor observa ainda que estes são consciência de si mesmos e, assim, consciência do mundo, porque são “corpo consciente” e vivem uma relação dialética entre os condicionamentos e sua liberdade. (MISOCZKY, MORAES, KRUTER FLORES, 2009, p. 460)

Ele se mostra como educador da consciência ético-crítica que quer colocar as bases metodológicas neste caminho escatológico de libertação da humanidade. Educar para o reconhecimento dos numerosos varchis utópicos que se apresentam ao longo do caminho, educar para a consciência crítica para conseguir combater “o medo da liberdade” que tortura os oprimidos devido às dominações, é um dever do educador freireano. A elaboração da consciência crítica, porém, não é só implementada na prática educativa, mas passa sobretudo através da organização de uma luta, ao mesmo tempo individual e coletiva: individual, visto que dentro do oprimido vive também o opressor, e coletiva porque a libertação deriva de uma luta social e política.

Entretanto, reconhecer não basta, é apenas uma parte. Posicionar-se diante desse reconhecimento, e agir por causa dele, é o que faz do ser humano um sujeito histórico. “Um ser da intervenção no mundo à razão de que faz a História. Nela, por isso mesmo, deve deixar suas marcas de sujeito e não pegadas de puro objeto” (FREIRE, 2000, p.119). Posicionar-se, portanto, implica pensar na concretude da realidade, implica denunciar como estamos vivendo e anunciar como podemos viver.” (IVI, p. 462).

O conceito de denúncia-anúncio sublinha fortemente a ideia freiriana de uma natureza processual da realidade. Em tal modo, torna-se mais evidente o “fio vermelho” que liga os três pensadores.

A utopia concreta presente nos textos de Bloch, Gramsci e Freire, a exegese filosófica-política-educativa deles, baseada na práxis militante, nasce contra um pensamento que ameaça a imaginação revolucionária e que põe obstáculos à possibilidade da liberdade humana. A meu ver, é mesmo esta contraposição em comum que faz com que seja possível a comparação entre estes três autores, já que neles está presente uma importante afinidade epistemológica e histórica.

Existem outras afinidades biográficas entre estes autores que sem dúvida ajudam a compreender e a melhor interpretar o significado das suas obras.

Bloch parte de um conteúdo radical e material da vida para afirmar que a esperança, se bem que seja um princípio subjetivo, é baseada no agir histórico e material. A esperança pode ser uma esperança concreta, visto que possui as raízes nas necessidades mais urgentes do ser humano, ou seja, a fome e a autoconservação. O contemporâneo de Bloch, Gramsci fez da ação revolucionária a sua arma contra a miséria material, moral e intelectual. É por isso que, ainda na prisão devido ao regime fascista, continuou a sua luta na transformação do mundo, alimentando o desenvolvimento de uma filosofia que é também uma política, uma filosofia de ação que se propõe a guiar grupos subalternos à conquista de uma vida superior, do ponto de vista material e intelectual.

Para Gramsci, os mais elevados valores da humanidade residem, sobretudo, na defesa da própria existência física. Do seu canto, no seu agir, Freire propõe uma educação da “consciência ético-crítica”, cujo fundamento é ontologicamente radicado na vida, no ser humano como ser da práxis, ele mesmo com objetivo de libertação humana a partir da conscientização.

Para Freire, a esperança é uma condição existencial, uma necessidade ontológica que, como tal, precisa da prática para tornar-se concretude histórica. Nesse sentido, é inegável a influência direta ou indireta de Gramsci e de Bloch nas formulações de Freire. (IVI, p. 465).

5. CONCLUSÃO

O auspício deste meu artigo é aquele de dar lustro ao trabalho do pedagogo brasileiro Paulo Freire no mundo acadêmico ocidental, mesmo analisando numerosas afinidades com o pensador Ernst Bloch, mais conhecido no âmbito Europeu. Estes dois pensadores, geograficamente longe um do outro, mas que, como nós vimos, são muito próximos e com afinidade nas próprias perspectivas, constituem até hoje um estímulo à pesquisa. Os pontos emersos do meu trabalho são, acima de tudo, o reconhecimento de uma inevitável curva pedagógica do pensamento blochiano e a sua concreta atuação mediante o projeto ético-pedagógico freiriano. Portanto com a aquisição de uma maior notoriedade a prática pedagógica freiriana pode ser exportada e aplicada em todos os Países subdesenvolvidos, nos quais as classes subalternas não têm ainda uma real consciência da própria condição de opressão.

REFERÊNCIAS

DANIEL, J. O.; MOYLAN, T. **Not Yet**: Reconsidering Ernst Bloch. Verso, London 1997.

FREIRE, P. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. Editora Unesp, São Paulo 2000.

MISOCZKY, M.; MORAES, J.; KRUTER FLORES, R. Bloch, Gramsci e Paulo Freire: referências fundamentais para os atos da denúncia e do anúncio. In **CADERNOS EBAPE n° 3**. Set. 2009.

DE LIMA;I. B.; ARRAIS NETO, E.; RECH, H. L. **Esperança e pedagogia**: breve apresentação de Ernst Bloch, seu pensamento e alguma reflexiones sobre a educação. PPGEB riviste scientifiche, n° 418, 2009.

BLOCH, E. **Experimentum mundi**. Frage, Kategorien des Herausbringens, Praxis, Gesamtausgabe Bd. 15, Suhrkamp, Frankfurt a M. 1975; tr. it. di G. Cunico, Experimentum mundi. La domanda centrale, le categorie del portar-fuori e la prassi, Queriniana, Brescia, 1980.

BLOCH, E. **Das Prinzip Hoffnung**. Gesamtausgabe Bd. 5, Suhrkamp, Frankfurt a M. 1959; tr. it. di E. De Angelis (vol. I e III) e di T. Cavallo (vol. II), Il principio speranza, Garzanti, Milano 2005.